

UMA LEITURA PARCIAL DO NARRADOR DO FILME *PEIXE GRANDE E SUAS HISTÓRIAS MARAVILHOSAS*, DO DIRETOR TIM BURTON

Andriely Sousa dos SANTOS (G-UFFPA)¹
Celso FRANCÊS JR (UFFPA)

Resumo

O objetivo deste artigo é fazer uma leitura do narrador do filme *Peixe Grande e suas histórias Maravilhosas* (2003), do diretor Tim Burton, com base no texto teórico *O narrador: considerações de Nicolai Leskov* (1994), de Walter Benjamin, entre outros. Sendo o narrador um dos elementos estruturais mais significados dentro da narrativa, aqui o intuito é identificar se o narrador do filme possui (ou não) alguma das características propostas por Benjamin e analisar as possíveis implicações da (não) existência dessas características para o desenvolvimento do filme. O trabalho foi dividido em três partes, primeiro foi feita a análise do texto teórico, em seguida foi realizada a análise do narrador do filme “Edward Bloom”, e por fim a conclusão a que se chegou por meio das análises. Portanto é notável que o narrador do filme ‘Edward Bloom’ é um ótimo narrador, pois ele possui muitas das qualidades propostas por Benjamin, o que torna as narrativas do filme mais atraentes e extraordinárias, fazendo com que elas fossem gravadas com facilidade nas memórias de seus ouvintes.

Palavras-chave: Narrador. Narrativas. Reflexões.

Introdução

O objetivo deste artigo é fazer uma leitura do narrador do filme *Peixe Grande e suas histórias Maravilhosas* (2003), do diretor Tim Burton, com base no texto teórico *O narrador: considerações de Nicolai Leskov* (1994), de Walter Benjamin, entre outros. Sendo o narrador um dos elementos estruturais mais significados dentro da narrativa, aqui o intuito é identificar se o narrador do filme possui (ou não) alguma das características propostas por Walter Benjamin e analisar as possíveis implicações da (não) existência dessas características para o desenvolvimento do filme.

Para atingir os objetivos propostos, o trabalho foi dividido em três partes. Na primeira trago a fundamentação teórica, onde Walter Benjamin nos mostra suas concepções sobre as características de um bom narrador; na segunda parte a análise proposta, com o objetivo de mostrar as características destacadas por Walter Benjamin em *O narrador: considerações de Nicolai Leskov* (1994), e as características do narrador do filme e; por fim, na última parte, as conclusões a que se chegou esta pesquisa.

No que se refere a concepções teóricas acerca de narrador, como é sabido, todo texto narrativo traz um determinado narrador, seja este em primeira pessoa ou em terceira pessoa. Mas dizer que um determinado texto tem este ou aquele narrador não é dizer, muito menos explicar, esse

¹ Discente do curso de Licenciatura Plena em Letras- Língua Portuguesa, do Campus Universitário Marajó Breves, na universidade Federal do Pará.

ser que tem a capacidade de tornar um texto imortal, como aconteceu, por exemplo, com os textos de Machado de Assis que têm atraído muitos estudos por conta, entre outros aspectos, do narrador.

Afinal, quem é e o que deve ter de especial um narrador?

Antes, contudo, de esboçar uma possível resposta, cabe aqui a opinião de Walter Benjamin, sobre a arte de narrar. Para ele, “[...] a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente” (1994, p. 01). Cabe também esclarecer que o foco aqui não é o narrador convencional presente na prosa. O foco aqui é um narrador específico, qual seja: o narrador citado por Walter Benjamin. Este, no texto anteriormente citado, identifica dois tipos de narradores: o que viaja por muitos lugares e o que permanece em sua cidade. Independente do local de onde narram, o fato é que ambos retiram de suas experiências aquilo que narram, sejam elas vividas por eles; presenciadas ou compartilhadas por eles.

A respeito disso Benjamin diz que (1994, p. 02):

[...] A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e o outro pelo marinheiro comerciante. Na realidade, esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Benjamin (1994, p. 04).

O camponês sedentário é o narrador que conhece e narra sobre suas histórias, tradições, sobre sua terra e o que ele presenciou, e a sua sabedoria é construída no ambiente; no contexto em que ele vive. Já o marinheiro comerciante é o narrador que traz sua sabedoria das viagens e lugares por onde passou, ou seja, suas experiências são trazidas de longe, tanto as experiências próprias quanto as que ele presenciou. De qualquer modo, os dois tipos são importantes e nos trazem ensinamentos.

Muito embora eles tenham importância, o fato é que, de acordo com estudiosos, a narrativa oral há muito tempo vem perdendo seu valor.

Mas por que algo tão importante como a narrativa oral vem sendo deixada de lado?

É notável a importância da narrativa tradicional oral, não só por causa da transmissão do dom de narrar, mas também pela tradição, costumes e crenças que estão presentes nas narrativas que falam de reflexões; de um homem; de um lugar ou de uma família, e que precisam ser preservadas. Contudo, de acordo com Benjamin (1994, p. 05) “o primeiro indício da evolução que vai culminar na morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno”.

Como é sabido, o romance está ligado ao livro e a expansão deste aconteceu por causa da invenção da imprensa. E ele, embora seja um gênero narrativo de suma relevância, é muito diferente

SANTOS, Andriely Sousa dos; FRANCÊS JR Celso. Uma leitura parcial do narrador do filme *Peixe grande e suas histórias maravilhosas*, do diretor Tim Burton. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 19 e 20 de fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

da narrativa oral, pois não nos dá ensinamentos, já a narrativa procede da tradição oral e se alimenta dela, e sempre nos dá alguma reflexão para as nossas vidas. Também como é sabido, o romance necessitou de vários anos para chegar a seu pleno desenvolvimento, e, enquanto um ascendia o outro (narrativa oral) declinava, isto é, conforme o romance se firmava dentro do gênero literário, a narrativa pouco a pouco ia sendo esquecida. Não necessariamente por causa do romance, visto que o que culminou para narrativa entrar em vias de extinção foi à era da informação, conforme argumenta Benjamin (1994, p. 06):

[...] Por outro lado, verificamos que com a consolidação da burguesia – da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes – destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação. (BENJAMIN, 1994, p. 04)

Podemos notar que o desenvolvimento e expansão da imprensa contribuiu para o surgimento e sucesso dessa nova forma de comunicação, por isso Benjamin diz que (1994, p. 06): “[...] Se a arte da narrativa é hoje rara, a difusão da informação é decisivamente responsável por esse declínio.”

Pois a cada instante recebemos muitas informações do mundo inteiro e todas essas notícias chegam até nos com várias explicações, portanto raramente ouvimos ou temos histórias surpreendentes e extraordinárias, porque tudo está ligado apenas à informação, e assim não contribui em nada com a narrativa, porque de acordo com Benjamin (1994, p. 06) “[...] Metade da arte da narrativa está em evitar explicações. [...]”. E assim permitir que os ouvintes possam imaginar; refletir e interpretar como quiserem o que foi narrado.

Podemos notar que há muitos fatores que contribuem para a desvalorização da narrativa oral, além da modernidade; do surgimento do romance; da era da informação, mas também pela extinção do ato de narrar corretamente. Quando falamos de narração imaginamos que é o ato de contar uma história ou um fato, mas para que essa narrativa seja interessante para os ouvintes é preciso que saibamos narrar corretamente. Narrar corretamente, entretanto, não é algo que se consegue da noite para o dia. Aliás, é algo que, aparentemente, requer certos requisitos. E não deve ser algo tão simples, pois para Benjamin (1994, p. 19) “o narrador figura entre os mestres e os sábios.” E, por isso, “ele sabe dar muitos conselhos: não para alguns casos, como um provérbio, mas para muitos casos, como um sábio”, de acordo com este teórico.

Mas como chegar a essa sapiência? Qual o caminho a trilhar?

Como, de acordo com Benjamin (1994, p. 05), “o narrador retira da experiência o que conta.” Talvez aí esteja um caminho possível, isto é, narrar o que já se viveu e/ou o que, de alguma maneira, presenciou. A proximidade com a história narrada, muito possivelmente, possibilita ao narrador uma intimidade maior para com o texto narrado. Essa intimidade, conseqüentemente, SANTOS, Andriely Sousa dos; FRANCÊS JR Celso. Uma leitura parcial do narrador do filme *Peixe grande e suas histórias maravilhosas*, do diretor Tim Burton. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 19 e 20 de fevereiro 2016. ISSN 2358-1131

talvez dê a quem ouve o narrador à sensação de que a história narrada seja de fato verdade; e não apenas ficção. Neste sentido, para Benjamin (1994, p. 08), “quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte”.

O narrador consegue retirar as narrativas das suas experiências, ou seja, essas experiências podem ser próprias ou contadas por outras pessoas, de qualquer modo ele consegue incorporar as narrativas e repassar aos seus ouvintes. Para Benjamin (1994, p. 04),

Tudo isso esclarece a natureza da verdadeira narrativa. Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos.

Posto isso, o objetivo agora é fazer uma breve leitura do narrador em *Peixe Grande e suas histórias Maravilhosas*. *Peixe grande* é um filme de 2003, dirigido por Tim Burton, que traz no elenco Ewan McGregor (Edward Bloom) (Young), Albert Finney (Edward Bloom) (sênior), Billy Crudup (Will Bloom). O filme, em linhas gerais, conta a vida de um contador de história, que narra tantas vezes suas histórias que acaba se misturando a elas e elas a ele.

Mas não é dos personagens que se ocupará essa pesquisa, e sim, do narrador. Neste filme, o narrador é Edward Bloom (Ewan McGregor, Albert Finney), o filme se inicia com Bloom narrando sobre

certos peixes não podem ser físgados, não que eles sejam mais rápidos ou mais fortes que outros peixes, é que eles têm aquele toque especial. Um desses peixes era o Fera, e já no tempo em que nasci ele era uma lenda, ele escapou das iscas mais caras e sofisticadas do Alabama, há quem diga que o peixe é um fantasma de um ladrão que se afogará já fazia então 60 anos, outros dizem que ele é um dinossauro do período cretáceo, eu nunca me interessei por essas especulações supersticiosas, tudo que eu queria era pegar aquele peixe desde que eu tinha a sua idade, mas foi no dia em que você nasceu que eu em fim peguei aquele peixe.

Edward Bloom é narrador do tipo “marinheiro comerciante”, pois ele já viajou por vários lugares e retira dos lugares por onde andou suas experiências narradas, mas também conta sobre suas origens. Bloom narra sua história com magia e sabor. Nela ele falava de quando era criança e viu, no olho de uma bruxa, como iria morrer. Narra ainda sobre como conheceu gigante de 4 metros, que se tornou seu amigo, e juntos partiram de sua cidade natal, entre outras coisas. Por causa de suas narrativas tem um relacionamento complicado com seu filho Will, que cresceu ouvindo essas histórias, e as achava extraordinárias por causa do jeito que seu pai as contava. Porém, quando se tornou adulto não acreditava mais nas narrativas, e dizia que não sabia quem realmente era ele, e afirmava que seu pai se escondia atrás de suas histórias e que elas não eram reais. E Bloom dizia que seu filho Will não sabia narrar, pois contava histórias reais e sem nenhum sabor.

A partir dessa breve contextualização do filme, tentaremos averiguar alguns aspectos acerca deste narrador. Para tanto, vale ratificar que um dos objetivos da narrativa é trazer aos seus ouvintes uma dimensão utilitária, ou seja, uma moral da história. E as narrativas de Bloom tem esse papel importante também, pois as histórias narradas por Edward sempre nos mostra alguma reflexão ou ensinamento como não desistir do que se quer; que devemos ajudar as outras pessoas; que as pessoas rancorosas precisam de afeto; que nos não devemos nos acomodar e sim lutar pelos nossos sonhos; que não se deve discutir sobre religião, porque nunca se sabe a quem vai ofender, entre outros.

Além disso, Bloom, no leito de sua morte, pede para seu filho Will contar algo sobre o medo que ele sentirá quando morrer, e seu filho narra o momento da morte do pai de forma mágica e extraordinária. Nesta cena podemos notar a transmissão do dom de narrar de pai para filho que conhecia todas as narrativas contadas pelo pai, em seguida seu neto também conta as narrativas contadas por seu avô, ou seja, as narrativas vão sendo preservadas e passadas de geração para geração.

Portanto, Edward Bloom tem o dom de narrar, ele nos mostra não só a transmissão do dom de narrar, mas também a tradição, costumes e crenças que estão presentes em suas narrativas que falam suas reflexões de sua vida; dos lugares por onde andou e de sua uma família, e que elas devem ser passadas de geração para geração, pois elas precisam ser preservadas. Edward narra várias vezes suas histórias, mas cada vez que ele conta ele dar a ela um novo sabor. Bloom conta tantas vezes que elas se misturam a ele e ele a elas. Por isso seu filho Will Bloom diz que: “um homem conta suas histórias tantas vezes que se mistura a elas e elas sobrevivem a ele, e é desse jeito que ele se torna imortal”.

Neste contexto, pode-se concluir que narrar devidamente não é fácil, pois não é algo que se consegue da noite para o dia, é preciso ter ou desenvolver e aprimorar as qualidades de um bom narrador. E a partir da análise feita podemos notar que o narrador (Edward Bloom) do filme *Peixe Grande e suas histórias Maravilhosas*, do diretor Tim Burton, tem o dom de narrar, pois ele narra com naturalidade; transmite ensinamentos; cativa seus ouvintes; narra suas próprias experiências; e também consegue transmitir o dom de narrar tornando possível a passagem desses conhecimentos de geração para geração, ou seja, possui muitas das características de um bom narrador propostas por Walter Benjamin em *O narrador: considerações de Nicolai Leskov* (1994). Com isso contribui para que as narrativas contadas no filme se tornassem atrativas e interessantes aos seus ouvintes.

Pode-se concluir também que as narrativas de Edward nos mostram a capacidade que elas têm de falar sobre o homem, seus costumes, crenças, sua cultura, que precisam e devem ser preservadas.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEIXE Grande e suas Histórias Maravilhosas. Direção: Tim Burton. Produção: Columbia Pictures. 2003. Avi (120min).

SILVA, Eliseu Ferreira da. Conto, o narrador e a narrativa moderna e pós-moderna em Silviano Santiago e Walter Benjamin. In: **3º Colóquio do grupo de estudos literários contemporâneos: um Cosmopolitismo nos trópicos.** Feira de Santana - Bahia. Disponível em: <http://www2.uefs.br/dla/romantismoliteratu> Ra/coloqueestudos2011/anais. Acesso em 12 fev. 2016



SANTOS, Andriely Sousa dos; FRANCÊS JR Celso. Uma leitura parcial do narrador do filme *Peixe grande e suas histórias maravilhosas*, do diretor Tim Burton. **ANAIS do III Colóquio de Letras da FALE/CUMB**, Universidade Federal do Pará, Breves, 18, 19 e 20 de fevereiro 2016. ISSN 2358-1131